

OCUPE O MUSEU - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

Apresentação Oral

Nas comemorações dos 40 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, que teve lugar após a “primeira batalha organizada contra a instituição museal” (RIVARD, 1984, apud SANTOS, 2008, p. 72), e em resposta às mudanças ocorridas na sociedade, surge um novo modelo de museu, “denominado *neighbourhood museum*, que tem como objetivo a construção e a análise da história das comunidades, contribuindo para a identificação da sua identidade, colaborando para que os cidadãos se orgulhem da sua identidade cultural, utilizando as técnicas museológicas para solucionar problemas sociais e urbanos” (SANTOS, 2008, p. 75). Modelo que vem inspirando não só a criação de museus comunitários voltados para os interesses dos mais diversos grupos sociais mas igualmente ações e experimentos museológicos em museus ditos tradicionais. Modelo que leva em conta que “o museu deve tornar-se apreensível, legível, compreensível como território em sua especificidade, mas também em sua globalidade - quer dizer, em suas relações sistêmicas com o espaço evolutivo que o rodeia (este é o sentido da palavra ecomuseu...)” (BELLAIGUE, 2009, p. 87-88)

Foi inspirado por esses pressupostos herdados da Mesa Redonda de Santiago, e com base no tema proposto para a X Semana Nacional de Museus - *Museus em um mundo em transformação: novos desafios, novas inspirações* - que o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) propôs a ação intitulada “Ocupe o Museu” que passamos a relatar.

Em um mundo em transformação os museus precisam estar em sintonia com as novas tendências e necessidades da sociedade. Nesse sentido as atividades propostas visavam primeiramente atender a desejos já manifestados pelo público habitual do Museu Antropológico, especificamente no que se refere à abertura em horário noturno. Como o Museu ainda não abre durante finais de semana e feriados, essa seria a única opção para os que trabalham em horário integral. Experimentando o horário noturno o projeto “Cinema no Museu Antropológico”, que normalmente ocorre em tardes de sexta-feira, realizou uma sessão especial comemorativa no Dia Internacional dos Museus, com o filme “Nós que aqui estamos por vós esperamos” do diretor Marcelo Masagão (1998), que possibilitou o debate sobre o tema da Semana. Arte e guerra, sonho e realidade, vida e morte, temas abordados no filme, nos remetem aos desafios postos para um mundo em transformação, que se impõem com desafios à nossa própria humanidade.

A equipe do Museu Antropológico e os professores do bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, seguindo as “novas inspirações” e os “novos desafios”, lançaram-se em uma experiência igualmente nova e desafiante. O objetivo era trazer ao Museu o **não público**, ou seja, aquele que por diversos motivos não conhecia o Museu e que fosse, preferencialmente, do entorno: moradores, estudantes e pessoas que trabalham no bairro¹ para, em conjunto, elaborar e montar uma exposição a ser inaugurada durante a X Semana Nacional de Museus. Inspirada nos recentes acontecimentos mundiais que vem provocando grandes transformações políticas, econômicas

¹O setor (bairro) Leste Universitário de Goiânia abriga o campus I da Universidade Federal de Goiás, um dos campi da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e a Praça Universitária, importante local de sociabilidade e referência espacial da cidade, onde também está localizado o Museu Antropológico da UFG.

e sociais, como a Primavera Árabe e o *Occupy Wall Street* - movimento de protesto contra a ganância, a corrupção e a desigualdade econômica e social, essa ideia foi nomeada de *Ocupe o Museu*. A proposta de ocupação pacífica e cultural vinha reforçar a abertura do Museu para novos públicos e novas ideias, bem como mostrar que a Instituição está atenta aos fatos da atualidade.

Uma vez posto o desafio, a equipe começou por lançar-se a campo pela vizinhança para atrair essas pessoas para a organização da exposição. Essa experiência, ao mesmo tempo que se constituiu em agradável exercício de sedução e convencimento, também evidenciou a falta de informação sobre o Museu dentre a maioria das pessoas das proximidades, que ocupa prédio de certa imponência na Praça Universitária. Casas, praças, feiras e estabelecimentos comerciais foram visitados e diferentes grupos foram convidados a visitar o Museu e participar das reuniões para criação coletiva dessa exposição.

A resposta foi imediatamente aceita e alguns corajosos e entusiastas enfrentaram a empreitada: estudantes, donas de casa, aposentados, designers, fotógrafos. Um vigilante do Museu, ao tomar conhecimento do projeto, também reivindicou sua participação, no que foi prontamente acolhido. As reuniões foram acontecendo e as ideias foram sendo somadas, incorporadas, adaptadas, sentidas. A memória de Goiânia e de sua construção² foi surgindo e se impondo como tema. Memórias pessoais, algumas tristes, muitas divertidas, todas emocionadas e carregadas de afeto, afluíram em profusão e as pessoas foram abrindo seus baús pessoais de memória, trazendo lembranças e fotografias, máquina de costura, riscos e bordados das avós. A ideia de gravação dos depoimentos pessoais foi também se revelando fundamental para compor a mostra, e para integrar o acervo do Museu, não fora ele antropológico.

Como não havia tempo para elaboração de textos, foram utilizados, além de trechos de depoimentos dos participantes, textos literários, sobretudo poéticos, que falassem da cidade e de seus lugares de memória (NORA, 1993). Mesmo na expografia, que por conta da pressa e das providências burocráticas a serem tomadas de última hora, acaba se centralizando em um número menor de pessoas, cada participante teve a chance de opinar, sugerir, palpitar, e até mesmo alterar e incluir no momento da montagem propriamente dita.

Não pensem que a experiência foi fácil e livre de conflitos e problemas. Toda exposição envolve disputa de memórias, de saberes e de poder de convencimento, ainda mais quando envolve pessoas externas ao funcionamento cotidiano do museu. Contudo, sentidos, vividos e ultrapassados os conflitos, e solucionados os problemas, a experiência foi muito gratificante, estimulante e instigante a novos desafios.

A realização dessa exposição, que recebeu o título de *Ocupe o Museu (com) Memórias de Goiânia* e foi inaugurada no dia 17 de maio trouxe resultados muito positivos e prazerosos, superando as melhores expectativas, como a aproximação com um novo e afetuoso público, que trouxe seus amigos e familiares, que se reconheceu e foi reconhecido nos objetos e fotos expostos. Público emocionado e que emocionou até aos que não participaram diretamente do processo, e que se mostrou receptivo e ansioso por “ocupar seu tempo no museu”, que “não era só lugar de coisas velhas”, como disse um dos participantes da roda de conversa que aconteceu após a inauguração da exposição. Entre o idealismo e a contemporaneidade, é possível ficar com os dois sem fugir aos ideais sonhados e construídos 40 anos atrás.

² Goiânia foi projetada e construída para capital do Estado de Goiás, sendo inaugurada oficialmente em 5 de julho de 1942.

Referências bibliográficas

BELLAIGUE, Matilde. Memória, espaço, tempo e poder. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS. Rio de Janeiro : Unirio | MAST. v.2, n.2 jul/dez. 2009. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>> Acesso 23 jun 2012.

MASAGÃO, Marcelo. **Nós que aqui estamos por vós esperamos**. Brasil, 1998. 70 min. P.b.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História/PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Reflexões sobre a nova Museologia. In: Santos, M.C.T.M. **Encontros museológicos - reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p. 69-98.